

las salas de conciertos, un doble programa: las músicas extranjeras, fundamentalmente estadounidenses, y las músicas locales), productores, managers, compositores, compañías discográficas, críticos musicales y demás agentes implicados en la construcción del sentido y significado. En la redacción es evidente que Karush asume que el carácter artístico y comercial de una obra no tiene ya que ser concebido como una dicotomía, sino como una unidad; las decisiones estéticas no son nunca puramente estéticas, pues siempre están condicionadas por el contexto y las audiencias, respondiendo los artistas (y reconfigurando al mismo tiempo su propia identidad) a las exigencias del mercado.

Si bien es cierto que un lector próximo a la musicología echará de menos mayor vocabulario específico propio de la disciplina, esto no supone un menoscabo en el interés del volumen. Karush sigue conscientemente a Joshua Tucker al comprender que los estudios de las músicas (no solo, añadimos) populares necesitan analizar aspectos más allá de la partitura. Y en ese sentido el libro cumple con las expectativas: más allá de la música, el lector halla-

rá interesantes y clarificadoras referencias a los movimientos migratorios de comienzos del siglo xx, al peronismo y su incidencia cultural o al imaginario colectivo creado a partir de la Revolución Cubana y sus diversas ramificaciones e interpretaciones.

Ciertamente la musicología argentina, de gran tradición, cuenta hoy con nombres imprescindibles como Enrique Cámara de Landa, Mercedes Liska o Pablo Vila (por citar solo algunos de los muchos y notables investigadores) pero el interés por parte de los estudiosos del ámbito anglosajón, aportando una visión exógena (tanto geográfica como disciplinar), supone una mirada enriquecedora y muy coherente desde el punto de vista global. El texto de Karush se sitúa próximo a la órbita de los estudios culturales, suponiendo una contribución de muy destacable rigor cuya lectura es altamente recomendable, puesto que solo a través de diversas ópticas y aproximaciones conseguiremos lecturas significativas en torno a fenómenos manifiestamente complejos.

ENRIQUE ENCABO
(UNIVERSIDAD DE MURCIA)

3 HISTORIA Y CIENCIAS SOCIALES: ESPAÑA

Víctor Muñoz Gómez / Eduardo Aznar Vallejo (coords): *Hacer historia desde el medievalismo. Tendencias. Reflexiones. Debates*. La Laguna: Universidad de La Laguna 2016. 336 páginas.

Hacer historia desde el medievalismo. Tendencias. Reflexiones. Debates é uma obra

heterogénea de carácter interdisciplinar, coordenada por Víctor Muñoz Gómez e Eduardo Aznar Vallejo, resultante da publicação dos primeiros resultados das investigações apresentadas por um conjunto de jovens investigadores (doutorandos e pós-doutorados) nos seminários organizados pelo Instituto de Estudos Medie-

vales y Renascentistas da Universidad de La Laguna, em Tenerife (Canárias, Espanha), entre 2011/2012 e 2014.

O objetivo principal desta iniciativa consistiu em dar a oportunidade a jovens investigadores de apresentarem as suas linhas de investigação de cunho inovador, sobretudo do ponto de vista temático, metodológico e teórico, inseridas num marco cronológico de amplo espetro, sobretudo entre os séculos XIII-XVI, bem como os seus resultados preliminares obtidos até então, lançando futuras hipóteses e pistas de trabalho de matiz interdisciplinar. Pretendeu-se, deste modo, promover um espaço de debate, de intercambio e de transferência de conhecimentos, relativos à época medieval, em especial da Península Ibérica, entre investigadores espanhóis e estrangeiros, provenientes do continente americano.

No que diz respeito à estrutura, a obra coletiva objeto de análise encontra-se organizada em onze capítulos, precedidos por uma introdução, na qual os coordenadores, Víctor Muñoz Gómez e Eduardo Aznar Vallejo, dedicaram a sua atenção à realização de uma breve síntese do referido livro, expondo as suas motivações e os resultados das investigações desenvolvidas pelos seus diversos colaboradores. Seguindo a linha de raciocínio dos referidos coordenadores e, apesar da sua heterogeneidade desta obra, podemos dividi-la em diferentes eixos temáticos. O primeiro bloco de textos composto por seis capítulos gira, em traços gerais, em torno das origens do Estado moderno (p. 14) e, que por sua vez, se pode dividir em duas partes.

Os textos de Víctor Muñoz Gómez, Alejandro Martínez Giralte e Alicia Mon-

tero Málaga compõem a primeira parte. Este subgrupo tem como ponto nevrálgico a aristocracia senhorial e a análise do seu papel nas sociedades urbanas e rurais feudais de Castela e da Catalunha durante a Baixa Idade Média. Esta temática é precedida por uma reflexão conceptual relativa às ideias de “nobreza” e “senhorio” levada a cabo por Víctor Muñoz, no capítulo (“Reflexiones en torno a la sociedad feudal y la dominación señorial en la Corona de Castilla al final de la Edad Media”), apresentando novos pontos de vista que vêm reforçar o panorama historiográfico atual. As estratégias de poder desenvolvidas pela nobreza nas Coroas de Castela e Aragão, entre as quais as redes clientelares, são também dois eixos transversais nas análises levadas a cabo pelos referidos autores para compreender a ascensão e a consolidação de determinadas famílias aristocráticas. Tal é o caso da família Velasco, na cidade de Burgos (Espanha), no início do século XVI, explorado por Alicia Montero Málaga, no capítulo: “Al grito de ‘¡Velasco, Velasco!’: algunas consideraciones en torno al ejercicio del poder urbano en 1516”. Já o enfoque do estudo de Alejandro Martínez, “La percepción de la nobleza como grupo social durante la Baja Edad Media (Reflexiones en clave catalana)”, consiste em analisar a nobreza do ponto de vista social na Catalunha (Espanha), na Baixa Idade Média, a partir do estudo de caso: a família dos Viscondes de Cabrera.

Já os estudos de Marina Klein, Pablo Ortego Rico e Esther Tello Hernández formam o segundo subgrupo de capítulos. Estão dedicados ao funcionamento das monarquias castelhana e aragonesa. Klein, com o seu capítulo intitulado

–“El método prosopográfico aplicado a la historia institucional: el ejemplo de la cancellería real castellana en el siglo XIII”– oferece ao leitor um estudo pormenorizado sobre a organização da chancelaria do Reino de Castela, assim como do perfil dos seus funcionários, através da prosopografia como metodologia de trabalho. As investigações de Pablo Ortego e de Esther Tello inserem-se no domínio da história económica e da fiscalidade. O primeiro autor, no seu texto, “Hacienda real y negocio financiero en la Castilla del siglo XV: vías actuales de análisis”, dedica a sua análise ao estudo da implementação e da organização das redes comerciais e das companhias financeiras em Castela. Esther Tello, “La contribución eclesiástica de las demandas reales en la Corona de Aragón: la décima de 1375”, centra a sua atenção na fixação do tributo extraordinário –a “décima”– em Aragão, promulgado pelo papa Gregório XI, no ano de 1375, em contexto de guerra no Mediterrâneo.

O segundo bloco de estudos obedece a parâmetros diferentes do ponto de vista metodológico, uma vez que têm em comum o uso e o cotejo de fontes documentais e arqueológicas. O texto de Gema M^a Pérez González, “Arqueología y análisis histórico. Transformaciones, destrucción y continuidad en la ciudad romana”, tem como eixo central o estudo do caso particular da evolução e transformação da cidade romana de *Pollentia*, em Malhorca (Ilhas Baleares, Espanha), num contexto de crise e de declínio dos núcleos urbanos provinciais mediterrânicos do Império Romano, que se registou a partir do século III. A autora foi ainda mais longe na sua análise ao ter em linha de conta o período medieval, permitindo-lhe detetar fatores

de rutura e continuidade primordiais para o estudo da evolução deste centro urbano num amplo marco cronológico. O seguinte texto de Carlos J. Galbán Malagón –“La fortaleza medieval entre arqueología e historia. Nuevas perspectivas para un viejo tema (desarrollo a partir de un ejemplo Gallego: La Mota de Broño)”– insere-se dentro do marco cronológico da obra objeto de recensão. Trata-se de uma reflexão sobre a evolução da castelologia como uma subdisciplina da história, a partir do estudo de caso da fortaleza –La Mota de Broño, localizada na Galiza (Espanha)–, equacionando novas formas de observação e pistas para futuras investigações sobre a arquitetura militar.

Os restantes capítulos dizem respeito a temáticas diferentes, embora possam ser aglutinados numa categoria mais abrangente como a da história da cultura e das mentalidades. O primeiro capítulo deste conjunto de textos –“Hacia una historia de la sexualidad en la Castilla de la Edad Media”– é referente ao estudo da sexualidade em Castela, cuja autoria é de Ana E. Ortega Baún. Esta faz um ponto da situação sobre o desenvolvimento desta linha de investigação pouco conhecida em Espanha, mais exatamente em Castela, comparando com o panorama científico desenvolvido tanto a nível nacional para outros reinos, como internacional.

O segundo texto, “Medir el tiempo en las ciudades de la Castilla Bajomedieval”, tem um enfoque diferente, uma vez que pode ser inserido no âmbito da história da ciência e da técnica. O seu autor, Víctor Pérez Álvarez, aborda a problemática da implementação do relógio mecânico na Europa, possivelmente em Inglaterra ou no Norte da Itália, no fim do século

xiii ou no princípio do século xiv, acabando por centrar a sua atenção na difusão deste símbolo de poder e de prestígio na Península Ibérica, em especial, em Castela. A importância e o impacto desta novidade tecnológica no quotidiano das populações são igualmente outros dois pontos de observação que foram tidos em linha de conta ao longo desta investigação preliminar.

O último capítulo, “La Edad Media europea en perspectiva atlántica. Reflexiones a propósito de la legitimación de la guerra de la conquista”, de Martín Ríos Saloma, obedece a parâmetros diferentes dos anteriores. Trata-se de uma investigação que não fez parte dos ciclos de seminários que deram lugar à obra objeto de recensão, embora este capítulo funcione como uma espécie de epígrafe. Neste sentido, um dos pilares deste texto consiste na reflexão sobre o estado da arte relativa à historiografia medieval desenvolvida por investigadores de países da América Latina, em especial do México. Por outro lado, o autor pretende examinar os fenómenos de expansão, de conquista e de colonização do continente americano, a partir da análise dos antecedentes e dos processos de legitimação europeus, mais em concreto, da Península Ibérica, tendo como ponto de partida o fenómeno de reconquista ao longo da Idade Média.

Em suma, trata-se de uma obra fundamental, uma vez que permite ao leitor visitar temáticas já conhecidas da historiografia medieval, revendo-as sob outras perspetivas, com recurso a novos enfoques metodológicos, reforçando o seu conhecimento atual. Por outro lado, este livro possibilitou a apresentação e o desenvolvimento de novas propostas

de investigação e de outras hipóteses de natureza interdisciplinar, permitindo a sua consolidação. Neste sentido, um dos pontos inovadores dos capítulos aqui apresentados consiste na introdução e na aplicação de categorias e de metodologias de outros campos científicos relativos às ciências sociais, tais a antropologia, em investigações relativas à história medieval. Também, é importante salientar que, do ponto de vista metodológico e didático, alguns capítulos contêm imagens, mapas e tabelas esquemáticas. Estas são, sem dúvida, instrumentos de trabalho fundamentais para o leitor, visto que ajudam a sintetizar e apreender de forma imediata os diversos dados e informações que são apresentadas pelos diversos autores.

ALICE TAVARES
(UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA)

Andrew Ginger / Geraldine Lawless (eds.): *Spain in the Nineteenth Century. New Essays on Experiences of Culture and Society*. Manchester: Manchester University Press 2018. IX + 274 páginas.

Si la historia fuera un edificio, este libro no deberíamos situarlo entre los que nos muestran su estructura. Deliberadamente abandona la exitosa tríada nación-género-representación que ha acompañado a buena parte de los estudios sobre el siglo liberal desde el análisis estructural de esas líneas de fuerza. Por supuesto sin desmerecer sino, al contrario, partiendo de dichos análisis, el proyecto que anima este libro colectivo fija su atención, por decirlo así, en las personas que habitan el edificio de la historia para mostrarnos cómo